Atividade "Poemas "

Monitora Milene Chagas NTE 04

-QUIENTISMO 1500:

Poemas de Pe. José de Anchieta
Jesus na manjedoura
- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?
- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.
- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?
- O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.
- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?
- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,

Tal me fez o teu pecado.
- BARROCO 1601 :

Todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.
Em todo o sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.
O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.
Não se sabendo parte deste todo,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.
(Soneto de Gregório de Matos)

-ARCADISMO 1768:

Nada se Pode Comparar Contigo
Du bocage
O ledo passarinho, que gorjeia
Dalma exprimindo a cândida ternura;
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia;
O Sol, que o céu diáfano passeia,
A Lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da Aurora, alegre e pura,
A rosa, que entre os Zéfiros ondeia;
A serena, amorosa Primavera,
O doce autor das glórias que consigo,
A Deusa das paixões e de Citera;
Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera.
Nada se pode comparar contigo.

-ROMANTISMO 1836:

Trecho da Poesia de Junqueira Freire presente na obra “Inspirações do Claustro”

Os Claustros

“Dorme, dorme teu somno, oh van cidade,
Dorme teu somno sensual e podre:
Que as estrellas e a lua,— de offendidas,
O inutil brilho em negro veu trocaram.
Carranca enorme de chumbadas nuvens
A côr dos céus trocou na côr do abysmo.
É noite: e noite de pavor é ella,
Sacra aos mysterios de esquecidos tumulos.
Sosinho o bardo aqui,—co'a noite e as trevas!
Só elle aqui: — que o mundo é morto agora
Nos braços do lethargo,— irmão do nada.”

- REALISMO 1881:
Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
Trago-te flores - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

-POEMA NATURALISTA 1881:

Carmen Gonçalves
Chuva Atrasada

Nunca nesta terra que nasci
Pareceu-me de chuva precisar
Pois ela que tudo vinha alagar,
Não deu mostras de míngua
Até esse ciclo começar.
Pois eis que depois de muitos dias
Sem que de sua graça desse mostra
(ainda que às vezes fizesse proposta)
A chuva decidiu nos presentear
Ventos sacudiram redes com criança,
Levantaram telhas, fizeram lambança,
Dizem que veio para castigar...
Eu digo que veio me refrescar!
O estrondo no telhado lembrou
O rufar à guerra, do tambor
Chamando índio para ir pescar!
Indício de mudança a chegar!
Chuva, amiga minha
Não vá devagarinha

Longe “assombrar”

-PARNASIANISMO 1881:

Fica, te demora

A UM POETA

Não quero ver a hora

Que vás outro molhar.

Longe do estéril turbilhão da rua,

Beneditino, escreve! No aconchego

Do claustro, no silêncio e no sossego,

Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego

Do esforço; e a trama viva se construa

De tal modo, que a imagem fique nua,

Rica, mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício

Do mestre. E, natural, o efeito agrade,

Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,

Arte pura, inimiga do artifício,

É a força e a graça na simplicidade.

-SIMBOLISMO 1902:
Por Alphonsus de Guimaraens

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...
Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.
As estrelas dirão — "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria.. . "
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.
A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.
Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?

-PRÉ-MODERNISMO:

Canto de regresso à pátria [Oswald de Andrade]

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

-MODERNISMO 1922:

Moça linda bem tratada.
Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.
Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coió.
Mulher gordaça, filó,
De ouro por todos os poros
Burra como uma porta:
Paciência...
Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba:
Uma bomba.
Escrito em 1922 por Mário de Andrade, o poema é apontado como uma das primeiras composições modernistas da literatura nacional.